



EN UNE POIGNÉE DE MAINS AMIES 1996

Realização: Manoel de Oliveira e Jean Rouch
Produção: Institut Franco-Portugais (Porto), Centre National de Recherche Scientifique, Media Films
Cópia: 35mm, cor
Estreia mundial: Casa das Artes (Porto), 29 de novembro de 1996.

Isto começou por uma história de pontes, de rios, de aventuras e de poesia, ou seja, de cinema, e os *Cahiers* são ainda os únicos a acolher-nos, como no tempo maravilhoso de Jacques Doniol-Valcroze e de todos os filhos naturais de André Bazin.

Porque, como sempre, foi por intermédio de Henri Langlois (o nosso, “Henrique, o Navegador”) que pela primeira vez encontrei Manoel de Oliveira no écran da Cinemateca Francesa com *Douro, Faina Fluvial* (1931), filho lusitano do *Die Sinfonie der Großstadt* (Berlim, Sinfonia de uma cidade), que Walter Ruttmann improvisara com a câmara em 1927...

Depois, voltei realmente a encontrar Manoel em Pesaro, sob as asas de Lino Micciche, que nos apresentou as duas versões de *A Caça* (1963), estupidamente corrigido pelo sinistro Salazar, que não podia suportar, no seu Portugal asseptizado, que um rapaz turbulento pudesse morrer afogado. E nós sentimo-nos imediatamente vítimas-cúmplices das mesmas repressões...

Então foi Locarno, com o deslumbramento de *O Dia do Desespero* (1992), o último dia do autor



Fotogramas do filme *En une poignée de mains amies* (1996) de Manoel de Oliveira

de *Amor de Perdição*, Camilo Castelo Branco, filme em que Manoel nos revelava a irrevelável alma portuguesa.

Curiosamente, os compadres da Cinemateca de Lisboa pediram-me para fazer parte de um júri de arquitectos da Universidade do Porto que deveria atribuir um Doutoramento Honoris Causa ao “arquitecto” Manoel de Oliveira. Foi uma cerimónia grandiosa, medieval, em que fomos obrigados a falar em latim e, sob os aplausos unânimes, coloquei sobre a sua cabeça uma tiara de renda, semelhante àquelas que vemos nalguns quadros de Velásquez.

Indo brindar a este sucesso no velho Porto, nos jardins da Universidade, falei com Manoel das pontes do Douro e imediatamente fomos da mesma opinião: de todas estas pontes, a grande

“obra de arte” era, nesta capital da arquitectura moderna, a ponte que Gustave Eiffel aí havia lançado antes de construir a sua Torre, em Paris, no final do século XIX.

Em menos de cinco minutos, o projecto estava construído: o Manoel escreveria um poema que filmaríamos com os nossos amigos Bernard, Jérôme e François. E como em todos os sonhos de crianças, realizámo-lo em menos de uma semana, sulcando as margens do Douro a pé, de carro, de helicóptero, refazendo trajectos em perseguição de nuvens maravilhosas. Manoel e eu, gritando as estâncias do poema inspirado pelo vento, o rio e a amizade:

Ponte!
Braço ao encontro de braço.
Braços estendidos
num aperto de mãos amigo.



Retrato de Manoel de Oliveira e Jean Rouch

*Assim estou eu para contigo
e vamos por este rio,
que é Durius,
que é Ponte,
que é Douro.*

E como finais de Maio era o tempo de nosso aniversário, Manoel oferecia-me o maravilhoso presente de ser “a minha esperança de vida viva”, forçando-me a ser, dentro de dez anos, tão esbelto, tão ágil e tão elegante como esse patriarca da tribo imensa dos Oliveira, e a continuar a realizar, como ele, a cada ano, um novo filme.

Jean Rouch
Paris, julho de 1996.

(in *Conversations avec Manoel de Oliveira*, Paris, Cahiers du Cinéma, 1996, p. 25).

RIO QUE, POR BAIXO DAS PONTES, ABRE PORTA PARA O MAR
ou
PASSAGEM (sugestão para um título)

Poema requerido por
Jean Rouch,
segundo o seu propósito de filmar, dum helicóptero, o rio Douro
sob as pontes, desde o Freixo até ao mar.

PARTE 1 - (as pontes novas)

Ponte !
Braço ao encontro de braço.
Braços estendidos
num aperto de mão amigo.

Assim estou eu para contigo
e vamos por este rio,
que é Durius,
que é Porta,
que é Douro.

PARTE 2 - (ponte D. Maria)

Arco primeiro
implantado pelo arquitecto do ferro
Eiffel engenheiro.
Ponte esbelta que fazes Aliança,
com esta joia de fina filigrana,
unindo por cima, e com elegância,
suas margens que, por baixo,
cruzeis águas-separaram.

Ponte ! Aliança em suspensão,
poiso altaneiro de poetas
sobre a voragem de águas abissais
que lá pelo fundo
correm serenas entre margens abruptas.

DURIUS, meu DURIUS,
que já rolaste sobre ouro
entre as margens de Porto-Cale
de que hoje és o mais belo adorno,
a brilhar como um fio "D'ouro".

Mas sem nunca esquecer
os duros trabalhos, faina d'outrora,
cujas águas correm teimosas
à procura duma nova aurora.

PARTE 6 - (a última ponte, em cimento e de um só arco)

Burgo que te chamas Porto,
Cidade Invicta,
que em tua Foz podes ver
as águas do teu rio entrar
nesse grande espírito
a que chamamos Mar.

PARTE 7 - (a caçimho do farol antigo)

Ai, Farol, Farol !
Foste tu o primeiro
a alumiar antigos navegantes,
que perdidos andavam
pela noite escura, errantes.

PARTE 8 - (à passagem do farol novo)

E tu, outro,
esperança de novo erguida,
Luz que agora nos guia,
e que desse Oceano imenso
nos chamas a bom Porto.

PARTE 3 - (ponte D. Luis, com dois tabuleiros)

Pois, não era La Fontaine,
assim reza a tradição,
que, passeando pela ponte,
em Château-Thierry,
recebia inspiração
para suas fábulas ?

PARTE 4 - (à passagem pelos barcos rabelos, de origem viking)

E aqui neste rio,
em época que já lá vai
(porque a vida core pelos tempos
como água em leito de rio),
vinham os vikings tirar
às areias do Areinho
o ouro que levavam e trabalhavam,
para adornar colos e braços
das belas nórdicas que amavam.

PARTE 5 - (e mais adiante, na continuação)

Douro, Faina Fluvial,
que, em tempos já passados,
ali mostra o penoso trabalho
que as gentes ribeirinhas fôra dado
e que só ao de escravos
poderá ser comparado.

Rio que és ontem,
que és hoje,
que és amanhã ...
Se traícoerias mãos,
em Espanha,
não desviarem o sagrado rumo
que a Mãe Natureza te deu.

PARTE 9 - (à saída do rio e entrada pela vastidão do mar)

Mar que és Oceano,
Oceano que te chamam Atlântico
e que, com teus irmãos do orbe,
cobres dois terços
deste mundo que pisamos.

Ó mar que beijas
as cinco partes do mundo,
onde o marulhar de teus ais
são como constantes alusões
à indiferença perversa
entre os homens e as nações.

Ou será antes súplica sem fim,
desejo duma suprema harmonia
tão ambicionada e jamais conseguida ?
Apelo ao fraterno e esquecido abraço
entre todas as humanas raças
deste nosso errante universo ?

Ai ! meu Oceano, meu Oceano,
que escondes lá no fundo
o que em mil avisos espreiais
sem revelar teu segredo profundo
para que nunca saibamos
os detinos do mundo.

MANOEL DE OLIVEIRA

Porto, 12 de Abril de 1996